

INÁCIO DE MORAIS E ANTÓNIO DE CABEDO: UMA AMIZADE PREMATURAMENTE INTERROMPIDA PELA PARCA

AIRES PEREIRA DO COUTO

Aristóteles dedica os livros VIII e IX da sua *Ética a Nicómaco* aos problemas da amizade, começando por afirmar, em 1155a, que a amizade é absolutamente indispensável para viver e constitui uma garantia de felicidade. De seguida, em 1155b, distingue três espécies de amizade, conforme ela se baseie na utilidade, no prazer, ou na virtude desinteressada que deseja o bem do outro.¹ Este último tipo de amizade, que Aristóteles classifica de “amizade perfeita” (*teleia philia*) e que se concretiza entre bons e iguais em virtude, tem muito de semelhante com a amizade que Cícero, no *Laelius de amicitia*, classifica de “verdadeira e perfeita” (*uera et perfecta*) e que, na sua opinião, é um privilégio de poucos que torna não só a prosperidade mais esplendorosa, como também, partilhando e comunhão da adversidade, faz com que esta se torne mais leve².

É precisamente neste conceito de verdadeira e profunda amizade que julgamos poder enquadrar as relações de amizade entre Inácio de Moraes e António de Cabedo, dois humanistas e poetas novilatinos.

Inácio de Moraes, professor, poeta, e orador novilatino, nasceu em Bragança, no início do século XVI. Estudou em Paris, onde obteve o grau

¹ Sobre o conceito de amizade de Homero a Aristóteles, veja-se Francisco de Oliveira, “Introdução” a Platão, *Lísis*, 2ª ed. rev. e aum., Coimbra, INIC, 1990, pp.29-49.

² Cf. VI, 22:

Sed de uera et perfecta loquor, qualis eorum, qui pauci nominantur, fuit. Nam et secundas res splendiores facit amicitia et aduersas partiens communicansque leuiores.

de Mestre em Artes (1530), e em Lovaina, onde se aperfeiçoou nas letras clássicas. Foi professor de Humanidades em vários colégios, nomeadamente nos do Mosteiro de Belém (1535), do Mosteiro de Penha Longa (1536), do Mosteiro da Costa, em Guimarães (1537), e do Mosteiro de Santa Cruz (1540). Em 1542 regressou ao Colégio da Costa para reger a cadeira de Gramática. Em 30 de Setembro de 1546, D. João III nomeou Inácio de Morais professor de uma cadeira de Poesia na Universidade de Coimbra. Em 1548, provavelmente na tentativa de melhorar a sua situação económica, Inácio de Morais começou a frequentar a Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, vindo a obter o grau de bacharel em Leis em 26 de Julho de 1554. Apesar da frequência do curso de Direito, a situação económica de Inácio de Morais não melhorou; pelo contrário, viria a agravar-se após a morte de D. João III. Depois de enviudar, em 1579, o humanista buscou abrigo no Mosteiro de Alcobaça, onde terá falecido nos finais de 1580. A obra de Inácio de Morais é composta por orações fúnebres e panegíricas, obras poéticas, composições poéticas e cartas dispersas. Algumas dessas obras desapareceram, e as restantes, quase todas muito raras, encontram-se muito dispersas. Na nossa tese de doutoramento conseguimos reunir 2 orações, 4 obras poéticas, 7 cartas e uma dezena de poemas dispersos.³

António de Cabedo, sacerdote e poeta novilatino, nasceu de uma ilustre família de Setúbal, provavelmente em 1530. Em 1543 foi para França, onde estudou Artes e Direito Canónico. Regressou a Portugal em 1548 e, não só continuou os seus estudos de Direito na Universidade de Coimbra, travando então conhecimento com Inácio de Morais, como também seguiu a carreira eclesiástica, tornando-se, em 1550, prior da Igreja do Salvador da Trofa. Em 18 de Julho de 1554 obteve o grau de bacharel em Cânones. Faleceu, provavelmente em 1555, com apenas 25 anos de idade. É autor de várias poesias latinas que se encontram publicadas em André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae libri quatuor*, Romae, apud Bernardum Basam, 1597, pp.515-576; e em António dos Reis & Manuel Monteiro, *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt*, I, Lisbonae, 1745, pp.449-504.⁴

Os primeiros contactos entre estes dois humanistas remontam ao período em que ambos frequentaram a Universidade de Coimbra, Inácio

³ Sobre Inácio de Morais, veja-se A. P. Couto, *Inácio de Morais - Vida e Obra*, Coimbra, 1995 (tese de doutoramento policopiada).

⁴ Sobre António de Cabedo, veja-se A. P. Couto, “António de Cabedo - Poeta Novilatino” in *Máthesis* 1, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, (1992), pp.193-219.

como aluno da Faculdade de Leis, António como aluno da de Cânones, cujos cursos eram paralelos. Apesar da grande diferença de idades entre ambos - António de Cabedo nasceu em Setúbal por volta de 1530, enquanto que Inácio de Morais já obtivera o grau de Mestre em Artes neste mesmo ano - este encontro foi possível porque em 1548 Inácio de Morais, que ambicionava uma profissão mais lucrativa, começou a frequentar a Faculdade de Leis, onde viria a obter o grau de bacharel em 26 de Julho de 1554, e António de Cabedo começou, também em 1548, a frequentar a Faculdade de Cânones, onde obteria o grau de bacharel em 18 de Julho de 1554.⁵

Os laços de amizade existentes entre estes dois poetas transparecem de algumas poesias, pouco conhecidas, que dedicaram um ao outro. Estas composições poéticas, que divulgaremos quase integralmente, servir-nos-ão de base para falarmos desta relação de amizade prematuramente interrompida, como veremos, pela Parca.

António de Cabedo dedicou dois pequenos epigramas⁶, em dísticos elegíacos, a Inácio de Morais. Num desses epigramas, intitulado *Aegnatio Morali*, António de Cabedo começa por tentar revelar o inquantificável valor que o amigo tem para ele:

*Si meritis donare tuis aequalia uellem
munera, si donis uellem aperire meis,
quantum te nostro iam dudum in pectore fixi,
pars animae, Aegnati, dimidiumque meae;
non desiderio, quidquid gerit India, nostro
sufficeret, non quod uoluit arena Tagi;
non mihi Pactolus, non si fluat Indus et Hermus,
et si aliud fuluis flumen abundat aquis.
Non si surda meis sors et contraria uotis
donet quas habuit Croesus auarus opes,
omnia si dederit, cuncta et tibi largiar, in me
uix uidear meritis digna dedisse tuis.*

⁵ António de Cabedo bacharelou-se, portanto, poucos dias antes de Inácio de Morais. Aliás o nome de António de Cabedo é o 22º na lista de canonistas sorteada em 17 de Maio de 1554 no Conselho da Universidade e na qual Inácio de Morais ocupava o 15º e último lugar na lista dos legistas. (Cf. M. Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade de Coimbra de 1537 a 1557*, Coimbra, 1941-1969, vol.II, parte II, pp.225-226).

⁶ Estes dois poemas, um composto por oito dísticos e o outro apenas por dois, foram publicados pela primeira vez no *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, 1597, p.559, e foram reimpressos por António dos Reis e Manuel Monteiro no *Corpus*, I, pp.493-494.

Se eu te quisesse ofertar prendas iguais aos teus méritos, se eu quisesse, com presentes meus, revelar o quanto e desde há quanto tempo eu já te fixei no meu coração, ó Inácio, parte e metade da minha alma; tudo o que a Índia produz não seria suficiente para o meu desejo, nem o que revolve a areia do Tejo; nem bastaria para mim o Pactolo, nem o Indo e o Hermo, ou algum outro rio que corra abundante em águas de ouro.

Se a sorte desfavorável e insensível aos meus votos não me der as riquezas que o avaro Crespo teve, se eu te presentear com todas as coisas que ela me tiver dado, parecer-me-á que mal te dei coisas dignas dos teus méritos.

A hipérbole que envolve estes versos procura reforçar o valor que António de Cabedo atribui aos méritos de Inácio de Moraes e serve para exprimir a impossibilidade de materializar o valor e a grandeza da amizade e da consideração que, dentro de si, sente por ele, de tal forma que o considera “parte e metade da sua alma”⁷. Nem que lhe oferecesse as maiores riquezas materiais do mundo⁸ conseguiria revelar o quanto e desde há quanto tempo o fixou no seu coração; é que um bom amigo vale mais do que todas as riquezas do mundo. Mas a realidade material do poeta é bem diferente do que ele desejaria e, por isso, tem de oferecer aquilo que verdadeiramente possui e que representa a sua única riqueza - os seus versos:

*At nunc quando aliud nil suppetit, accipe uersus,
hae uatum, hae sterilis sunt Heliconis opes.*

Mas agora, visto que nada de outro está à minha disposição, aceita estes versos, estes são as riquezas dos poetas, as riquezas do estéril Hélicon.

É que, na verdade:

*Dona dabunt dītes; errant qui mittere uatem
quidquam aliud praeter carmina posse putant.*

⁷ Inácio de Moraes utilizará uma expressão semelhante, relativamente a António de Cabedo, no verso 48 da elegia fúnebre que lhe dedica. Também Horácio, *Carm.* II, 17, 5, considera o seu amigo Mecenas: *meae partem animae*.

⁸ O poeta alude a 3 rios famosos, na Antiguidade, pelo ouro e pedras preciosas que neles existiam. Do Pactolo, rio da Lídia, na Ásia Menor, diziam os Antigos que tinha na sua corrente areias de ouro (cf. Virgílio, *En.* X, 142) pelo facto do rei Midas, possuidor do dom de transformar em ouro tudo o que tocasse, se ter lavado na nascente do Pactolo (cf. Ovídio, *Met.* XI, 90-145). O Hermo, rio da Lídia, mistura-se com o Pactolo e, por isso, era considerado aurífero (cf. Virgílio, *G.* II, 137 e Camões, *Lus.* VII, 11). O Indo, rio da Índia, é famoso desde a Antiguidade pela abundância de pedras preciosas (cf. Plínio, *Nat.* VI, 71; XXXVII, 200).

Os ricos darão presentes; erram os que julgam que o poeta pode dar alguma outra coisa além de poesias.”

Nos dois dísticos que constituem um segundo epigrama, intitulado *Aliud*, António de Cabedo sintetiza uma faceta da personalidade de Inácio de Moraes:

*Longa sed inuito cunctis Aegnatus optat,
nil profecturus saecula Mercurio.
Vos superi ingratis quaecumque rogauerat, illi
donate, et uati reddite uota suo.*

Inácio pede para todos longos séculos, mas nada há-de obter contra a vontade de Mercúrio.

Vós, ó deuses celestes, tudo quanto ele pedira para os ingratos, concedei-o a ele, e satisfazei os desejos ao dedicado poeta.

O poeta apresenta-o, de facto, como uma pessoa altruísta e bondosa, que pede para os outros aquilo de que ele próprio necessitaria. António de Cabedo, como seu amigo, sabia-o, já que não seria desconhecedor das razões que teriam levado Inácio de Moraes a frequentar o curso de Leis.

Num terceiro poema, dedicado a Coimbra e intitulado *De Conimbrica epigrama*⁹, António de Cabedo faz alusão a um poema de Inácio de Moraes, o *Conimbricae encomium*, dizendo:

*Ut libet has uidisse tuas, Conimbrica, moles,
moeniaque Egnati uersibus aucta mei.*

“Que prazer eu sinto em ver, ó Coimbra, essa tua mole e as muralhas engrandecidas nos versos do meu caro Inácio!”

A forma como António de Cabedo se refere a Inácio de Moraes - “meu caro Inácio” - é, por si, reveladora da amizade que ligava estes dois poetas novilatinos.

Em relação a Inácio de Moraes, não se sabe se terá escrito alguns versos dedicados a António de Cabedo antes de este ter morrido. De facto, apenas se conhecem duas composições de Inácio de Moraes dedicadas a António

⁹ Este poema, constituído por seis dísticos elegíacos, encontra-se publicado nas obras referidas na nota 6; pp.574-575 e pp.503-504, respectivamente; e foi também publicado e traduzido pelo professor A. C. Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, Coimbra, INIC, 1985, pp.184-185.

de Cabedo, mas ambas foram escritas aquando da morte do jovem poeta, e talvez por isso deixem transparecer maior emoção do que os versos de António de Cabedo; sobretudo a belíssima elegia intitulada *In interitum Antonii Cabedii celeberrimi poetae, Ignatii Moralis elegia*, composta por 41 dísticos elegíacos. O outro poema a que nos referimos é um epitáfio intitulado *Eiusdem tumulus*, composto por 6 dísticos elegíacos, e que aparece publicado imediatamente a seguir à elegia.¹⁰

Para lamentar a morte prematura do amigo, à qual não terá sido alheia a inveja que Láquesis, a Parca que cortava o fio da vida, sentia da glória alcançada por António de Cabedo que, aos 25 anos, era já detentor de uma obra poética importante, Inácio de Morais começa a elegia com uma pergunta retórica que não é mais do que a formulação, muito próxima da *exclamatio*, de uma afirmação:

*Supremum ergo diem Antoni doctissime obisti,
praesecuitque annos Parca seuera tuos?
Et uix permisit primam excessisse iuuentam,
laudique inuidit nominis illa tui.*

Chegaste então ao teu último dia, ó António doutíssimo, e a Parca cruel cortou os teus anos? Ela mal permitiu que tu ultrapassasses o começo da juventude e invejou a glória do teu nome. (vv.1-4)

Inácio de Morais acompanhou os últimos dias de vida de António de Cabedo e culpa-se por não ter conseguido dar ao amigo forças suficientes para que ele pudesse continuar a viagem da vida, e, conseqüentemente, impedir que ela fosse interrompida apenas 25 anos após o seu início:

*Atque hoc illud erat, quod tanto ardore cupisti
dulcia materni uisere tecta poli.
Nec miser eualui dictis te auertere amicus,
suscepta ut uelles abstinuisse uia.*

E essa era a razão por que, com tanto ardor, desejaste visitar os doces tectos do céu materno. E, desgraçado de mim, não fui capaz de te desviar, com palavras amigas, de queres desistir da começada viagem. (vv.5-8)

Os doces tectos do céu materno, a que se refere o poeta, são Setúbal, terra natal de António de Cabedo. É provável que o estado de saúde do jovem

¹⁰ Esta elegia e o epitáfio que se lhe segue encontram-se publicados em André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, 1597, pp.568-571 e também num manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, o códice CXIV/ 1-40a, fls.192-194.

poeta se encontrasse bastante debilitado nos últimos dias da sua vida; por isso regressou a Setúbal, em busca do conforto familiar.¹¹

Nos versos seguintes da referida elegia, Inácio de Moraes recorda o valor do amigo, a sua extrema moderação, a sua pureza e simplicidade, a sua dedicação aos estudos, a sua veia poética, a sua formação em Direito Canónico, e a sua actividade eclesiástica:

*Sic inhiat rebus pretiosis semper auara
mors, atque insidians optima quaeque rapit.
Nam te quis primum uixit moderatior alter?
Quis te candidior, simpliciorue fuit?
Cura tibi in studiis consumere tempora doctis,
quaerereque eximium lingua ab utraque decus.
Et tua grandiloquum musa est imitata Maronem,
felixque ingenii, uenaque diues erat.
Sacræque obumbrabat canonum tua tempora laurus,
signabatque sacrum te coma tonsa uirum.*

Assim, a morte avara ambiciona sempre coisas preciosas e, armando ciladas, arrebata tudo o que é muito bom. Na verdade, que outro antes viveu mais moderadamente do que tu? Quem foi mais puro ou mais simples do que tu? O teu cuidado era gastar o tempo em doutos estudos e procurar uma honra insigne nas duas línguas. E a tua musa imitou o grandiloquoarão, e era fecundo o teu talento e rica a tua veia. A coroa de loureiro sagrado dos Cânones sombreava a tua cabeça, e o cabelo cortado assinalava-te como um varão sagrado. (vv.9-18)

¹¹ Que António de Cabedo deve ter estado muito doente, parece não haver dúvidas, pois os versos do seu poema intitulado *Ad prosperam ualetudinem* (publicado no *De antiquitatibus*, pp.546-548 e no *Corpus*, I, pp.481-482), em que faz uma reflexão sobre a importância da saúde, são claramente versos de alguém martirizado pela doença. De facto, embora ele não fale na primeira pessoa, as palavras proferidas parecem, contudo, ser fruto de uma dolorosa experiência :

*At cui uis morbi corpus corrumpit, inert
affligens membra aeternum torpentia lecto,
otia non illum, non lusus, nulla uoluptas
demulcent aegrum... (vv.15-18)*

.....
*Interea decor et formae, uultusque uenustas
languescit, ueluti flos interceptus aratro.
Attenuat macies artus, color occupat ora
buxeus, et uires abeunt, uos nulla per arctas
infirmasque exit fauces, magnoque labore
diuitias partas in nullos possidet usus. (vv.28-33)*

Numa definição de amizade que Cícero apresenta no *Laelius de amicitia*, é realçada a importância que o entendimento na maneira de sentir sobre todas as coisas, divinas e humanas, tem para a adesão afectiva¹². Também no caso de António de Cabedo e Inácio de Moraes, é bem provável que os responsáveis pelo surgimento de uma amizade profunda, semelhante àquela que ligava Pílades e Orestes¹³, tenham sido precisamente o gosto comum pela poesia e uma semelhante maneira de ser. É o próprio Inácio de Moraes que o deixa entender nos seguintes versos:

*Me tibi iunxerunt communi foedere Musae,
et faciles mores, magna fidesque tua.
Sic amor accreuit paulatim, ut carior alter
nemo esset prorsus te mihi, meque tibi.
Qualis enim Pyladem, sociumque tenebat Orestem,
talis nos pariter conciliabat amor.
Ipse meos lusus miscebam, et seria tecum,
tu mecum lusus, seria et ipse tua.
Ipse lugenda tibi mea carmina saepe ferebam,
tuque etiam nobis saepe lugenda tua.
Ferrequae opem lapsis gaudebas rebus amici,
nec tantum curas uoce leuare meas.*

As Musas e os teus sociáveis costumes e também a tua grande lealdade juntaram-me a ti em afável aliança. Assim, pouco a pouco, cresceu a amizade, de tal modo que nenhum outro era verdadeiramente mais querido do que tu para mim e do que eu para ti. Com efeito, tal como a amizade ligava Pílades e o seu companheiro Orestes, do mesmo modo ela nos unia. Eu próprio partilhava contigo os meus gracejos e as coisas sérias, e tu próprio comigo partilhavas os teus gracejos e as tuas coisas sérias. Eu próprio te mostrava, muitas vezes, os meus poemas dignos de choro, e também tu me mostravas muitas vezes os teus poemas dignos de choro. Também gostavas de levar o teu auxílio de amigo nos momentos de dificuldade e não apenas aliviar os meus cuidados com palavras. (vv.19-30)

¹² Cf. *Lae.* VI, 20:

Est enim amicitia nihil aliud nisi omnium diuinarum humanarumque rerum cum beneuolentia et caritate consensio.

¹³ Inácio de Moraes compara a amizade que tinha por António de Cabedo com a de Pílades e Orestes, cuja amizade, na Antiguidade Clássica, era considerada o símbolo da amizade por excelência (cf. Cícero, *Fin.* 2, 79; Horácio, *Sat.* 2, 3, 193; Ovídio, *Pont.* 3, 2, 85). A verdadeira e profunda amizade que ligava Pílades e Orestes é bem visível nas seguintes palavras que Pílades, no *Orestes* de Eurípides, dirige a Orestes:

“Para quê viver, sem a tua amizade?” (1072).

Numa clara alusão à ética estoíca, segundo a qual a coerência é a característica que define o “sábio” e a sua “uirtus” e que não só tem como efeito natural a felicidade mas também possui em si mesma a própria recompensa, escreve Inácio de Moraes a propósito de António de Cabedo:

*De grege paucorum fueras, quibus inclyta uirtus
ipsa sui est pretium, gloriaque ipsa sui.
Nulla tibi ambitio, nullum captare solebas
plausum, sed grata delituisse domo.*

Tinhas sido do número dos poucos para quem a ínclita virtude é o prémio de si própria e a glória de si própria. Nenhuma ambição tinhas, nem costumavas procurar obter aplauso algum, mas apenas te escondias no remanso da tua casa. (vv.33-36)

Logo de seguida lamenta, mais uma vez, que a morte tenha levado prematuramente o amigo poeta, para quem estaria reservada a fama:

*Felix, si plures annos tibi fata dedissent,
inficeretque tuas alba senecta comas.
Tollere pennigeris nuper te coeperat alis,
fatusque ingenii fama probare tui.
Nam tua facundos stillabant uerba lepores,
libera seu fluerent, siue ligata pede.*

Feliz, se os fados te tivessem concedido mais anos e a velhice tivesse tingido os teus cabelos de branco.

Ainda há pouco, com asas emplumadas, a fama começara a celebrar e a aprovar as produções do teu engenho. Na verdade as tuas palavras destilavam graças eloquentes, quer corressesem livres, quer ligadas em pés. (vv.37-42)

A notícia da morte de António de Cabedo quase paralisou Inácio de Moraes que, numa reacção própria de quem perdeu um ente muito querido, tem o seguinte desabafo:

*Mortis amice tuae nostras ut nuntius aures
contigit, obstupui, diriguique gelu.
O utinam extrema cum Manes luce petisti,
iussisses comitem me simul ire tibi.
Nam quoties quali repeto sim orbatu amico,
dimidia uideor parte carere mei.*

Ó amigo, quando a notícia da tua morte chegou aos meus ouvidos, fiquei paralisado e gelado. Quando tu procuraste os Manes no teu último dia, oxalá tivesses mandado que eu, como teu companheiro, seguisse juntamente.

Na verdade, todas as vezes que me recordo que estou privado de um tal amigo, parece-me que fico privado da metade de mim¹⁴. (vv.43-48)

Numa sucessão de perguntas retóricas, mais uma vez muito próximas da *exclamatio*, Inácio de Moraes continua a exteriorizar o seu estado de espírito profundamente marcado pela desorientação própria de quem perdeu alguém muito querido:

*Ecquis me dulci posthac sermone iuuabit?
Cui credam arcanum pectoris omne mei?
Non ego iam tecum Mondae spatiabor ad undas
amplius? Aut uersus promet uterque suos?
Sobria nec fallent nostras conuiuia curas?
Atque oculis numquam conspiciere meis?
Et potero sine te socio tractare Camenas?
Scripta nec imponam nostra abolenda rogis?*

Porventura haverá alguém que me ajudará de futuro com a sua doce conversa? A quem confiarei todos os segredos do meu coração? Já não passarei mais contigo, junto às águas do Mondego? Nem recitará, cada um de nós, os seus versos? Nem os sóbrios repastos enganarão os nossos cuidados? E nunca mais serás visto pelos meus olhos? E poderei, sem ti, companheiro, tratar as Camenas? Nem entregarei os meus escritos ao fogo para que os consuma? (vv.49-56)

É tal a dor que dilacera o coração de Inácio de Moraes, que ele próprio se admira de ela não ser inibitória da criação poética:

*Quin dolor usque adeo et maeror mea pectora pulsat,
squalidaque assiduis imbribus ora madent,
ut nunc me certa uersus deducere lege,
inque suos mirer uerba coire pedes.*

Mais ainda, a tristeza e a dor ferem de tal forma o meu coração, e a minha face descomposta está de tal modo húmida de lágrimas incessantes, que me admiro de alinhar versos com regra certa e de reunir as palavras nos seus pés. (vv.57-60)

Um pouco mais adiante, depois de se referir à dor que a morte de António de Cabedo trouxe para a sua família, particularmente para a sua

¹⁴ Como vimos, também António de Cabedo, no poema que dedica a Inácio de Moraes, utiliza uma expressão semelhante em relação a Inácio (vd. nota 7):

Pars animae, Aegnati, dimidiumque meae (v. 4)

mãe, Inácio de Moraes termina a sua elegia e, simultaneamente, a sua homenagem fúnebre, despedindo-se do amigo com palavras profundamente sentidas e especialmente marcadas pela esperança de que, graças a este testemunho poético, permaneça eterna a memória da sua amizade, à semelhança do que acontecerá com António de Cabedo, imortalizado graças aos seus versos:

*Antoni, has lacrimas tibi maesto ex ore profundo,
has fert inferias nostra Thalia tibi.
Postera amicitiam nostram testabitur aetas,
(si modo posteritas carmina nostra leget)
sed tu mortales quamuis iam liqueris auras,
Ingenio uiues, carminibusque tuis.
Aeternum salue, salue o dulcissime uates
atque uale aeternum. Sit tibi terra leuis.*

Ó António, eu derramo para ti, do meu triste rosto, estas lágrimas; a nossa querida Talia presta-te esta homenagem fúnebre.

A geração vindoura testemunhará a nossa amizade (desde que a posteridade leia os nossos cantos), mas tu, embora já tenhas deixado as auras mortais, viverás graças ao teu engenho e aos teus versos.

Adeus para sempre, adeus ó dulcíssimo poeta, adeus para sempre. Que a terra te seja leve. (vv.75-82)

Para além de todos estes versos profundamente sentidos, que fazem parte da elegia intitulada *In interitum Antonii Cabedii celeberrimi poetae*, e que representam efectivamente um testemunho sincero da verdadeira amizade que unia estes dois poetas, Inácio de Moraes escreveu o seguinte epitáfio à morte do amigo:

*Morte insperata, nec cano Antonius aeuo
occidit, Aonidum curaque amorque gregis.
Nobilibus fuit ortus auis, mitique sacerdos
ingenio, et notae uir probitatis erat.
Miscebat Graio Romanos mille lepores,
et sacri iuris laurea sarta tulit.
Fundantur tumulo sacri cum thure liquores
quasque Arabum messes mittit odoros ager.
Hos cineres uelent uiolaeque rosaeque rubentes,
uiuenti fuerat qualis in ore color.
Antoni funus plorant lacrimabile Musae,
una sed in primis Calliopea dolet.*

De morte inesperada, sem idade de cabelos brancos, morreu António, ele que era não só objecto de cuidado mas também de afeição do rebanho das Musas.

Nasceu de nobres antepassados e era sacerdote de afável feitio e um homem de conhecida honestidade. Misturava com uma graça grega mil graças romanas e obteve a coroa de loureiro do direito sagrado.

Que sejam derramados no teu túmulo, juntamente com o incenso, sagrados líquidos e os frutos que produz o perfumado campo dos Árabes. Que cubram estas cinzas as violetas e as rosas vermelhas, tal como fora a cor do seu rosto quando ele vivia.

As Musas choram a morte digna de lágrimas de António, mas Calfope é a que mais sofre.

Nos três primeiros dísticos deste epitáfio, Inácio de Morais consegue, em poucas palavras, retratar de forma magnífica António de Cabedo: um homem de origem nobre, afável e honesto, bacharel em Direito Canónico, sacerdote e, principalmente, um poeta que uma morte prematura roubou às Musas. E é precisamente para realçar a faceta de poeta de António de Cabedo que Inácio de Morais termina o epitáfio aludindo ao sofrimento que esta morte trouxe para as Musas, particularmente para Calfope, a Musa da poesia.

Esperamos, com este artigo, ter contribuído para que o desejo de Inácio de Morais, manifestado no final da sua elegia à morte de António de Cabedo, de que as gerações vindouras lessem os seus poemas de modo a testemunharem esta amizade, se concretize, perpetuando-se, assim, uma amizade verdadeira que, embora prematuramente interrompida pela Parca, durou, contudo, o tempo suficiente para que cada um deles se considerasse uma metade do outro.